

## AS PRÁTICAS SEXUAIS COMO CONSTRUTORAS DE SUBJETIVIDADE: GRUPO DE ESTUDOS PROLAPSO

THOR BARCELLOS MELONI<sup>1</sup>; ISADORA SIQUEIRA PEREIRA<sup>2</sup>; MANUELA  
OLIVEIRA DE MELO<sup>3</sup>; BIBIANA SCHERER<sup>4</sup>; PEDRO GRACIOLI<sup>5</sup>;

HUDSON W. DE CARVALHO<sup>6</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – thormeloni.tb@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – isadorapereira20022605@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – manudemelooli@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – bibianacaye@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – pedrofsgracioli@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o Coletivo Acadêmico ProLapso, ativo desde abril de 2025, vinculado ao Curso de Psicologia e orientado pelo Dr. Prof. Hudson de Carvalho, que tem como objetivo estudar as práticas sexuais como construtoras de subjetividade nos indivíduos, e, a partir disso, tornar-se um caminho de investigação sobre sexo e sexualidade a partir de lógicas vinculadas à teoria queer/cuir e uma cosmopercepção contracolônial. O nome *ProLapso* surgiu de forma acidental a partir de um jogo de palavras entre o espaço acadêmico (Laboratório de Estudos) e uma prática sexual subversiva que serviu de catarse para a reflexão proposta ao grupo, relatada no pós-fácio do livro 100 Fetiches (MARTINS & CARVALHO, 2024), texto que foi o ponto de início das discussões do grupo.

A partir disso, o professor propôs que as discussões fossem orientadas, de início, pelo livro “Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual” (2017), de Paul B. Preciado, que problematiza a forma como o corpo e a sexualidade é objetificada e restringida pelas ciências humanas modernas/colônias e a própria cultura hegemônica (heterocentrada). Preciado propõe uma subversão metaconstrutivista para o estudo da sexualidade colocando o dildo<sup>1</sup> como analisador: o dildo como objeto de análise se dá em razão do que o Preciado (2014) chama de plasticidade dos sexos e dos gêneros.

A partir disso, o autor discorre sobre uma série de reflexões acerca das convenções passadas e atuais acerca do corpo, do gênero, do sexo e do fetiche:

“Este manifesto afirma que não se pode reduzir a sexualidade à diferença sexual nem à identidade de gênero. (...) As sexualidades são como línguas: sistemas complexos de comunicação e reprodução da vida, construtos históricos com genealogias e inscrições bioculturais em comum. E, tal como as línguas, podem ser aprendidas. (...) É possível aprender e inventar outras sexualidades, outros regimes de produção de desejo e prazer.” (2022, p. 16-17)

---

<sup>1</sup> “(...) um objeto de plástico que acompanha a vida sexual de certas pessoas *queer*, e que até agora havia sido considerado uma ‘simples prótese inventada como paliativo da incapacidade sexual das lésbicas’” (PRECIADO, 2022, p. 32. ).

Em síntese, o grupo é impulsionado pela afirmação de que gênero é prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos, e o sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas pré-determinadas. Assim, os corpos dissidentes - aqueles que desviam das expectativas/normatizações dominantes - operam contra o regime de sexo/gênero binário e a favor da construção de outros regimes de produção de desejo e prazer, tendo como meta a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna, demarcada pela lógica do saber-poder (PRECIADO, 2022). Logo, o grupo de estudos se propõe como um espaço de discussão e desconstrução de pressupostos e convenções sobre as práticas sexuais a fim de construir um saber coletivo que permitirá investigações situadas sobre sexo, sexualidade, fetiche e processos de subjetivação.

## **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

O grupo teve encontros quinzenais desde abril de 2025, contabilizando ao total 7 encontros, em que os participantes liam, para cada encontro, um capítulo do livro “Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual”, de Paul B. Preciado, para ser discutido em detalhamento. Os encontros tinham duração média de uma hora e meia e os participantes eram todos alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Assim, os encontros iniciavam com a exposição das principais ideias propostas por Preciado no capítulo da semana e, a partir disso, os alunos levantavam questionamentos, traziam vivências pessoais relacionadas ao tema e articulavam as reflexões propostas com outras áreas de estudo e teorias.

Os pontos trazidos nas discussões foram interpretados por meio de três pilares: a fenomenologia materialista, que questiona como o fetiche reconfigura a "carne do mundo" em contextos periféricos; a Teoria Queer, que discute quais táticas de sobrevivência e linhas de fuga emergem nas brechas do regime farmacopornográfico nas vivências e obras analisadas; e a Cartografia de dissidências, que mapeia fissuras nas normas de gênero e prazer, propondo o fetiche como prática micropolítica de reinvenção do desejo.

Dessa forma, o grupo realizou uma revisão e análise crítica, a partir das leituras, para mapear o viés de patologização das teorias tradicionais (como a psicanálise Freudiana, Psicologia Cognitivo-Comportamental e a Psiquiatria Biológica) sobre as práticas sexuais dissidentes. A partir disso, também é possível contextualizar os modos contemporâneos de controle dos corpos e prazeres, sustentados pela biopolítica (FOUCAULT, 1988) e farmacopornografia (PRECIADO, 2018).

Após a realização das leituras que forneceram o embasamento teórico inicial dos participantes do grupo, foram também realizadas atividades práticas com o objetivo de promover discussões que elencam concretude às reflexões de Paul Preciado. Para isso, o orientador trouxe diferentes objetos utilizados em práticas sexuais: um pênis de borracha, uma bomba peniana e dois plugs anais. O intuito desta apresentação foi, mais uma vez, colocar os estudantes em contato com tecnologias sexuais dissidentes, potencializando a reflexão e pensamento crítico. A partir da apresentação dos objetos, foram disparados dois questionamentos para serem respondidos individualmente por meio da escrita: “O que é sexo, para você?” e “O que, para você, configura sexo sem fetiche e sexo com fetiche?”. Essa atividade foi proposta com o objetivo de promover a autorreflexão sobre os

conceitos trabalhados nestes primeiros encontros do grupo e promover uma aproximação dos membros do ProLapso à temática do sexo e do fetiche, trabalhada ao longo do semestre.

A segunda atividade prática marcou o encerramento do semestre e da primeira parte dos estudos do grupo. Esta consistiu na sessão de um “cineclube”, no qual foi exibido o filme “Hustler White”, dirigido por Bruce LaBruce e Rick Castro. O filme acompanha a vida de garotos de programa de Los Angeles e suas relações com o sexo, fetiche e gênero. A escolha do filme deu-se por duas razões principais: primeiramente, o diretor do filme era um punk-anarquista que fazia seus filmes de forma independente, tendo seus ideais em consonância daqueles propostos por Paul Preciado em Manifesto Contrassexual. Também, a grande maioria dos atores do filme eram de fato garotos de programa, e as cenas gravadas retratavam fielmente seu trabalho, não afastando a produção artística da prática real, contornando apropriações e equívocos acerca desses trabalhadores sexuais.

Dessa forma, por conter muitas cenas de sexo explícito e dissidente, possibilitou-se a discussão do que o DSM-V (2014, p. 685) chamaria de *parafilias*, como “cortar, amarrar ou estrangular outra pessoa, ou um interesse por essas atividades que seja igual ou maior do que o interesse do indivíduo em copular ou em interagir de forma equivalente com outra pessoa”. A excitação sexual por membros amputados, retratado no filme, também é considerado um transtorno parafilico pelo DSM-V.

Posto isso, o Cineclube se apresenta como um espaço de formação de senso crítico acerca dos saberes e fazeres psicológicos acerca do tema da sexualidade, podendo resultar em discussões transversalizadas culturalmente (FIGUEIREDO; BARBOSA; SEABRA, 2010). Após assistir o filme, foi realizada uma roda de discussão para os alunos apresentarem suas percepções e reflexões sobre a obra. Nesse sentido, o filme se tornou um disparador para se pensar o sexo retratado em obras audiovisuais e a exploração de outras possibilidades que não fossem alinhadas e atravessadas pelas lógicas dominantes de produção de filmes *mainstream* e do sexo centrado na reprodução, amor romântico, ato impulsivo e binarismo de gênero. Aqui, os diretores não pareciam preocupados em produzir prazer escopofílico<sup>2</sup> - pelo menos não de forma convencional e normativa - em quem os assistia.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tanto em Pelotas quanto na UFPel, as discussões sobre gênero, sexualidade e biopolítica são frequentemente marcadas por estruturas mais conservadoras. Nesse sentido, estudar fetiche como tecnologia contrassexual tem relevância político-pedagógica explícita. Para estudantes de Psicologia da UFPel, esse projeto oferece ferramentas teórico-metodológicas para questionar a naturalização de corpos e desejos, ampliando o olhar clínico e social para além de patologias e universalização tão comuns quando o tema é a sexualidade.

Ao conectar as vivências fetichistas específicas (seja na cena BDSM, na produção de conteúdo digital ou em performances artísticas marginais) com proposições teóricas diversas (i.e., teoria queer e existencialismo), propomos não apenas uma crítica ao modo de viver neste biocapitalismo farmacopornográfico,

---

<sup>2</sup> (...) sujeito que obtém prazer em observar os atos sexuais ou a intimidade sexual das pessoas. (MALLMANN, 2016).

mas também uma reinvenção da prática psicológica — uma que escute os corpos dissidentes como territórios de resistência, não de ajuste. Afinal, se o poder atua através do prazer, a Psicologia não pode se furtar a decifrar e potencializar suas brechas contradisciplinares.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 685.

CARVALHO, H. Posfácio. In: MARTINS, A.M. (Ide., Cur., Org.) e CARVALHO, H. (Org., Rev.) **100 fetiches**. São Paulo: Ed. dos Autores, 2024.

FIGUEIREDO, H.; BARBOSA, R. C.; SEABRA, C. **Cineclubismo – organização e funcionamento**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MALLMANN, Cleo José. **Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual?**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 46, p. 45-53, dez. 2016.

PRECIADO, P.B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, P.B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Rio de Janeiro: Zahar, n-1, 2018.